

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE BIBLIOTECAS PORTUGUESAS

George M. Jenks

Bibliotecário

Bucknell University

- Tradução de MARIA TERESA LELLO

Depois de três meses em Portugal em 1976 onde tive ocasião de observar bibliotecas e o trabalho de bibliotecários há várias considerações que sobre isto vêm a propósito. Trata-se de comentários dum observador que não teve oportunidade de estudar em profundidade e pormenor os sistemas das bibliotecas. O que tenho a dizer é necessariamente subjectivo e muito provavelmente superficial mas é possível que os comentários tenham algum interesse.

Passei os meses de Janeiro, Fevereiro e Março como "senior lecturer" da Fulbright-Hays em Lisboa e na Universidade de Coimbra. Também visitei e lecionei noutras bibliotecas em Aveiro, Coimbra e Porto. Em Lisboa dei uma série de aulas sobre catalogação na Biblioteca Nacional. Em Coimbra dei um curso sobre aspectos gerais de biblioteconomia para os alunos do Curso de bibliotecário e algumas aulas para os bibliotecários da Universidade.

Os meus comentários focam três aspectos: 1) considerações de ordem geral, 2) a organização das bibliotecas e 3) o ensino de biblioteconomia. Os meus pontos de vista serão necessariamente diferentes dos portugueses devido à diferente formação e tradições. Por isso mesmo posso parecer crítico quando estou talvez apenas a reflectir a minha experiência e formação.

Gostaria de começar por algumas considerações de ordem geral. Um fac-

to bastante flagrante é que à entrada da maior parte das bibliotecas não há nem livros nem pessoas à vista. Isto não só dá a impressão de que uma pessoa não está numa biblioteca como, mais importante ainda, cria uma atmosfera pouco acolhedora. Numa das bibliotecas uma pessoa entra e vê alguns livros em montras e umas amplas escadas de ambos os lados que ninguém sabe onde levam. Há uma telefonista atrás duma janelinha. É a única pessoa que se vê. Se se quiser falar com um bibliotecário tem de se pedir à telefonista ou andar de um lado para o outro, até que de repente se encontra a sala do catálogo no andar de cima. Pouco se faz para atrair o leitor ou para que ele se sinta desejado. Parece que isto acontece em muitas repartições públicas e não só nas bibliotecas. Uma pessoa entra e é imediatamente abordada por um guarda ou funcionário. Há demasiados obstáculos entre o leitor e os livros e entre o leitor e os bibliotecários. Algumas bibliotecas reconhecem isto e tentam resolver o problema colocando bibliotecários perto da entrada.

Esta atitude tem a ver com a opinião sobre livre acesso às estantes. O aspecto mais frustrante da minha estadia em Portugal talvez tenha sido a dificuldade do empréstimo de livros. Os livros estão lá - o catálogo demonstra-o - mas tentar chegar-lhes foi uma tarefa morosa que desencoraja todos salvo os mais pacientes e persistentes. Parte do problema é que em alguns casos não há sistemas de arrumação por classificação e assim o acesso às estantes não pode ser tão útil quanto poderia ser. Contudo, creio que a razão para negar aos leitores o acesso aos livros se baseia em velhas tradições e em receios psicológicos bem enraizados - medo que os leitores roubem os livros; medo que as massas leiam certas coisas, talvez uma herança de anos de censura. Tenho a impressão que Portugal tem menos a temer quanto a roubos do que os Estados Unidos. Em todo o caso parece que as bibliotecas nem sempre chegam até ao público, ou antes, parece que o público nem sempre chega às bibliotecas. Esperemos que o futuro traga um acesso às estantes, pelo menos, em maior esca-

la do que existe actualmente.

Há um interesse e uma preocupação generalizada pelas novas técnicas de automatização. Infelizmente os computadores são dispendiosos e Portugal tem muitas outras prioridades urgentes. Por isso poucas bibliotecas têm acesso a "hardware" necessário para desenvolver os sistemas de automatização. Contudo é possível que a automatização pudesse fornecer os meios para um progresso técnico da biblioteconomia em muitas bibliotecas, mais económica e rapidamente do que os meios tradicionais. Por exemplo uma das necessidades de muitas bibliotecas é uma boa organização e classificação dos seus núcleos. Seria desperdício para qualquer biblioteca, grande ou pequena, levar a cabo o esforço de catalogar e classificar os seus núcleos. Um sistema automatizado, semelhante talvez ao do Ohio College Library Center poderia levar a especialização e os recursos, por exemplo, da Biblioteca Nacional de Lisboa a todas as bibliotecas do país. É necessário que em Portugal exista um centro para a investigação biblioteconómica e com especial relevância para a automatização, para que esse inestimável instrumento - o computador - possa ser utilizado em benefício de todas as bibliotecas do país.

Quando falo da organização das bibliotecas refiro-me principalmente às bibliotecas universitárias. Parece-me que os mais prementes problemas (além do problema financeiro que é sempre um problema para todos nós) são o acesso, a classificação, a colocação e as bibliotecas departamentais. Estes quatro problemas estão até certo ponto relacionados.

O livre acesso já foi aqui referido como um ponto que ainda não foi considerado na maior parte das bibliotecas portuguesas. Algumas bibliotecas têm acesso limitado a periódicos correntes, a algumas obras de referência e a pequenos núcleos. Contudo, o conceito de livre acesso com todas as suas vantagens e problemas ainda não se implantou. É triste entrar numa sala de leitura e ver filas intermináveis de livros atrás de portas fechadas inacessíveis e intocáveis.

veis. Em parte devido ao acesso limitado pouco se tem feito no campo da classificação. Se um estudante pode ter acesso a um núcleo de livros, estes têm de estar arrumados segundo uma ordem de classificação se se pretende uma utilização eficaz da biblioteca. Se não há livre acesso a classificação é menos importante.

Também, parcialmente devido à falta de classificação a colocação é fixa, um sistema tremendamente incómodo e uma enorme perda de tempo. Creio que se deve estabelecer rapidamente um sistema de colocação sistematizada se se pretende que as bibliotecas se desenvolvam e sejam um útil instrumento para o estudo e investigação. Quanto mais as bibliotecas crescerem tanto mais difícil será classificar os núcleos.

Um outro problema das bibliotecas universitárias é a quantidade de pequenas bibliotecas departamentais. A biblioteca está espalhada por uma vasta área com diferentes sistemas de catalogação e classificação e diferentes regulamentos de utilização. Além de ser desvantajoso em termos de ineficaz utilização de pessoal e equipamento, diminui grandemente a utilidade da biblioteca para os estudantes e pessoal. Um catálogo colectivo, como o da Universidade de Coimbra, contribui para um conhecimento dos recursos totais. As bibliotecas departamentais podem ser necessárias em grandes instituições, mas contribuem para criar invejas departamentais e fomentam o desenvolvimento de feudos e o concomitante isolamento das disciplinas.

Fiquei também com a impressão de que não existe um serviço de referência bem organizado e com pessoal adequado. Parece-me que os estudantes ficam entregues aos seus próprios meios com insuficiente ajuda dos bibliotecários. Da do que a finalidade de uma biblioteca é ser utilizada e que todos os processos são organizados para tal fim, parece-me que se deve dar mais atenção ao produto acabado - o estudante que recebe da biblioteca as informações de que necessita. Os bibliotecários mostram possuir um elevado grau de conhecimento

dos instrumentos da sua profissão. Parte deste conhecimento tem de ser transmitido aos estudantes.

Um facto marcante nas bibliotecas universitárias são as boas relações existentes entre os bibliotecários e os docentes. Parece existir um respeito mútuo pela profissão e conhecimentos de ambas as partes. O elevado grau de profissionalismo e especialização dos bibliotecários deve influir neste sentimento de respeito.

Quanto ao ensino de biblioteconomia os factos mais importantes são o elevado nível dos estudantes, a sua excelente formação cultural e o elevado nível do pessoal docente. Francamente, isto surpreendeu-me. Esperava que os acontecimentos políticos dos dois últimos anos e o longo período do regime de Salazar tivessem provocado a ruptura e a degradação do processo educacional. Assim foi, mas pelos vistos não abafou o estudo e investigação dos bibliotecários. Este profissionalismo e o papel cada vez mais positivo da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas combinam-se de forma a augurar um futuro feliz para as bibliotecas e os bibliotecários em Portugal.